

SERMÃO NO 1º DOMINGO APÓS A EPIFANIA,

DE SÃO TOMÁS DE AQUINO

(Puer Iesus – O Menino Jesus)

Introdução¹

“*O Menino Jesus crescia em idade, sabedoria e graça diante de Deus e dos homens*”
(Lc 2,52).

Todas as coisas que o Senhor fez ou padeceu na sua carne são [para nós] ensinamentos e exemplos salutares: “*Dei-vos este exemplo para que, como Eu fiz, assim também vós façais*” (Jo 13,15). E já que o caminho da salvação não está ausente em nenhuma idade – sobretudo atingida a idade da discrição;² assim, a adolescência de Cristo é proposta como exemplo aos adolescentes.

Com efeito, é próprio dos adolescentes o crescimento e o aperfeiçoamento; e, por isso, o progresso de Cristo se apresenta como modelo aos adolescentes.

Para que possamos dizer algo do aperfeiçoamento de Cristo, que seja em louvor de Deus e à salvação das nossas almas, primeiramente roguemos ao Senhor.

¹ A tradução foi elaborada a partir da versão latina publicada em Corpus Thomisticum (<https://www.corpusthomicum.org/hpj.html>). Foi cotejada a tradução para o francês (em especial para elaboração das notas de rodapé) da seguinte tradução: Thomas D’Aquin. *Sermons*. Tr. Jean-Pierre Torrell. Paris: Cerf, 2014, p. 117-134.

² A palavra “discrição” (*discretio*), é aqui utilizada no seu sentido teológico, que é bastante diferente do seu uso comum. Significa a capacidade de distinguir claramente o bem do mal, um discernimento. Este sentido confere com o dito na Carta aos Hebreus: “O alimento sólido, porém, é para os perfeitos, para aqueles que, pelo hábito, têm os sentidos exercitados para discernir o bem e o mal (*ad discretionem boni ac mali*)” (Hb 5,14). Tal capacidade é atingida, segundo o Aquinate, com o pleno uso da razão, que é aos 12 anos para as meninas e aos 14 para os meninos (cf. *Contra retrahentes* XII, 8-9).

SERMÃO

“O Menino Jesus” etc.

Se quisermos considerar estas palavras atenciosamente, encontraremos nelas quatro progressos de Cristo; a saber: o progresso da idade quanto ao corpo, da sabedoria quanto ao intelecto, da graça diante de Deus, e também da graça no convívio humano.

Em verdade, todos esses progressos são admiráveis e até cheios de surpresa e de admiração.

Com efeito, é admirável que a eternidade cresça em idade, pois o Filho de Deus é a eternidade, e é eterno: “*Vossa verdade, Senhor, permanece eternamente*” (Sl 118/119, 89).

É também admirável que a verdade progrida em sabedoria, pois o progresso da sabedoria é o conhecimento da verdade, e Cristo é a própria verdade: “*Eu sou o caminho, a verdade e a vida*” (Jo 14,6).

Ademais, é de se admirar que o autor da graça cresça em graça, e Cristo é o autor da graça: “*A graça e a verdade foram trazidas por Cristo*” (Jo 1,17).

Mais ainda, é de se admirar que Aquele que está acima de todos os homens, cresça entre os homens; pois são os homens que deveriam crescer diante d’Ele: “*Ele é grande entre todas as nações*” (Sl 112/113, 4).

Como, pois, cresce Cristo nessas coisas?

Digo que, se desejamos considerar retamente a questão do avanço em idade de Cristo, a razão é evidente. O eterno Filho de Deus quis se fazer temporal, para que pudesse progredir segundo as idades [sucessivas]: “*Um menino nasceu para nós*” (Is 9,6). Se nasceu como menino, por que não cresceria como menino?

Os outros progressos de Cristo contêm maior dificuldade. Cristo assumiu a natureza humana inteira: nasceu pequeno segundo a carne, mas não segundo a alma, pois, desde o início de sua concepção, a sua santíssima alma esteve plenamente unida a Deus em toda gra-

ça e verdade: “*Vimos sua glória, glória que recebe do Pai como Unigênito, cheio de graça e verdade*” (Jo 1,14). Foi pleno de toda graça e verdade por ser o Unigênito de Deus; e foi o Unigênito desde o início de sua concepção; e, portanto, foi pleno de graça e verdade, e perfeito em virtude: “*A mulher circundará o homem*” (Jr 31,22),³ não em idade, mas na perfeição de sua mente.

Mas, de que modo se diz que cresce em sabedoria e graça?

Deve-se aclarar que se diz que alguém progride em sabedoria, não só quando alcança maior sabedoria, mas também quando mais se manifesta nele a sabedoria. É verdade que Cristo foi cheio de sabedoria e graça desde o início de sua concepção, mas não o manifestou desde o começo, e sim na idade em que os outros o manifestam habitualmente. Diz-se, pois, que Ele progrediu em sabedoria, não em si, mas no efeito que Ele produzia nos outros.

Se Ele quisesse manifestar a sua sabedoria quando tinha sete anos, os homens poderiam duvidar da natureza humana por Ele assumida; é por isso que Cristo quis se conformar aos outros. Donde o que o Apóstolo disse aos Filipenses (2,7): “*Esvaziou-se a si mesmo, assumindo a forma de escravo, assemelhando-se aos homens*”. Cristo se fez pequeno, tomando a nossa pequenez, para se mostrar verdadeiramente pequeno, *assemelhando-se aos homens*. E, no momento em que costumam aparecer no homem os primeiros indícios de sabedoria, Cristo manifestou a sua sabedoria, ou seja, quando tinha doze anos; portanto, foi paulatinamente que Ele quis fazer ver a sua sabedoria, para que se comprovasse n’Ele a verdade da sua natureza humana, e para nos dar o exemplo de crescimento na sabedoria.

Portanto, como foi dito, há quatro progressos de Cristo: em idade, em sabedoria, em graça e no seu relacionamento humano.

Primeiramente, investiguemos o avanço da idade em Cristo, que é corporal, e que

³ Esta passagem “*femina circumdabit virum*” – segundo a Vulgata – é traduzida de muitos modos nas Bíblias modernas: algumas apresentam “a mulher se voltará ao homem”, outras “a mulher cortejará o homem” etc.; segundo as tradições rabínicas, deve-se interpretar a mulher como Israel, que procura alcançar os favores do homem, isto é, Deus. Santo Tomás parece aludir aqui à interpretação messiânica dada por São Jerônimo: “Sem sêmen de varão algum, sem coito nem concepção alguma ‘*uma mulher circundará um varão*’ em seu seio, o qual se verá crescer em sabedoria e idade, após sua incapacidade de falar e seus vagidos, segundo o desenvolvimento próprio à idade; mas nos habituais meses, no ventre feminino, se conterà um varão perfeito”. In *Ier.* VI, 22 (PL 24, 914): “Absque viri semine, absque ullo coitu atque conceptu, femina circumdabit virum gremio uteri sui, qui iuxta incrementa quidem aetatis per vagitus et infantiam proficere videbitur sapientia et aetate, sed perfectus vir in ventre femineo solitis mensibus continebitur”.

nos é proposto como exemplo para que avancemos na idade do corpo e da mente como Ele; pois é vão o crescimento da idade no corpo, se não se dá na alma.

É por isso que se trata simultaneamente do progresso de Cristo em idade, em sabedoria e em graça; porque, se o homem não cresce em espírito ao mesmo tempo que no corpo, segue-se uma quádrupla inconveniência: é monstruoso, prejudicial, grave (ou trabalhoso) e perigoso.

Digo, em primeiro lugar, que crescer na idade do corpo, mas não do espírito é monstruoso.⁴ O homem é composto de alma e corpo, como o corpo é composto de seus membros. Mas imaginemos que um corpo cresça em um único membro, e fiquem pequenos os outros membros: seria monstruoso. O mesmo acontece quando alguém é maduro segundo o corpo, mas não segundo a mente; por isso que diz o Apóstolo: “*Quando era criança, pensava como criança, falava como criança; quando fiquei homem, abandonei o que era próprio de criança*” (1Cor 13,11). As crianças pensam em brincadeiras e coisas desse gênero.

É verdade que o Senhor nos manda ser como crianças: “*Se não vos tornardes como crianças, não entrareis no Reino dos Céus*” (Mt 18,3). Algo devemos conservar das crianças, pois elas não são maliciosas, e são humildes; outro tanto devemos rejeitar das crianças, pois elas carecem de sabedoria. Donde o que afirma o Apóstolo: “*Não sejais crianças para julgar; mas sede pequenos em malícia*” (1Cor 14,20).

Devemos pensar em progredir na idade de nosso espírito na medida em que progredimos na idade de nosso corpo. Aquele de quem cresce só um pé, e não o outro, põe toda o seu empenho no médico, para que cresça também o outro pé. Assim também, se cresces só na idade do corpo, deves pôr todo o teu empenho em que cresças também na idade do espírito.

Também é prejudicial crescer na idade do corpo e não na da mente. Alguém que tivesse o tempo de adquirir uma coisa de valor e deixasse passar em vão [a oportunidade], sofreria grande perda; como o mercador no dia de comércio, no qual espera lucrar muito, ou

⁴ Os grifos são dos tradutores.

o estudante que deseja ouvir uma aula útil; se eles deixam passar esse tempo, julgam ter sido muito prejudicados.

O tempo te é dado, não para adquirires essas coisas de pouco valor, mas [para lucrarem] Deus e os bens celestiais, que ultrapassam todo entendimento: “*O que o olho não viu, nem o ouvido ouviu, nem subiu ao coração do homem, e que preparaste, ó Deus, para os que te amam*” (1Cor 2,9). Por isso se diz no Eclesiástico: “*Não percas nenhuma parcela do bem que te é concedido*” (14,14), uma parte de bom tempo. E nos Provérbios: “*Não dês a outro tua honra, nem teus anos a um homem cruel; não aconteça que estranhos se enriqueçam com tuas forças, e os frutos de teus trabalhos passem a outra casa*” (5,9-10).

Não dês a outro tua honra. A honra se dá ao homem na guerra, quando lhe sucede de vencer seus inimigos. Tal honra te é dada por venceres o mundo, a carne e o demônio. Mas quando dás as tuas forças naturais para servir o diabo, as quais te foram dadas para vencer o diabo, então dás a tua honra a um estranho.

O texto prossegue: *nem teus anos a um homem cruel*; isto é, ao demônio, que é cruel pois, por mais que o sirvas, ele nunca te dará repouso. “*Servireis a deuses estranhos, que não vos darão descanso*” (Jr 16,13).

Que os frutos de teus trabalhos não passem a outra casa. Tu fazes, talvez, boas obras, nas quais te fatigas. Se te converteres ao Senhor, esses trabalhos irão para a tua própria casa. Se, ao contrário, não te converteres, passarão os teus trabalhos, ou seja, as tuas boas obras, a uma outra casa; os santos na pátria se regozijarão de tuas boas obras, e tu não.⁵ Daí as palavras do Apocalipse: “*Segura firme o que tens, para que ninguém arrebate a tua coroa*” (3,11).

Do mesmo modo, crescer na idade do corpo e não na da mente é trabalhoso. Mas dirás: “Eu sou jovem, quero me divertir na minha juventude; quando for velho, converter-me-ei ao Senhor”. Seguramente te expões a grande labor. É fácil ao homem se acostumar a algo

⁵ O fruto das obras meritórias, mesmo deixando de existir atualmente no pecador após o pecado, permanece na aceitação de Deus; “pois Deus sempre aceitará aquelas obras, conforme foram feitas, e os santos se alegrarão com elas, segundo aquilo do Apocalipse (3,11): ‘*Segura firme o que tens, para que ninguém arrebate a tua coroa*’. O fato de que elas não sejam eficazes a quem as fez, em vista de alcançar a vida eterna, provém do impedimento do pecado posterior, pelo qual o pecador se tornou indigno da vida eterna” (S.Th. III, q. 89, a. 5, resp.).

na juventude; isto se manifesta no camponês, a quem é fácil trabalhar a terra, pois está habituado, mas a ti isso é difícil,⁶ se te acostumas a fazer a própria vontade, e a viver no pecado, ou te desesperas da vida eterna, ou te preparas para rude empresa. Como diz Salomão: “*O jovem seguirá o caminho que tomou; quando for velho, dele não se afastará*” (Pr 22,6). E Jeremias: “*É bom para o homem ter levado o jugo do Senhor desde sua juventude*” (Lm 3,27). Pois este pode facilmente superar-se a si mesmo (cf. Lm 3,28 *Vulg.*).⁷ É por isso que Cristo nos deu o exemplo de agir bem desde a juventude, pois Ele cresceu em sabedoria desde a idade de doze anos.

Do mesmo modo, é perigoso quando alguém cresce na idade do corpo e não na da mente. Deus exige de todos que rendam contas: “*O Reino dos Céus é semelhante a um rei que decide acertar as contas com seus servos*” (Mt 18,23). Deus te deu o tempo para que o sirvas. Mas está escrito no Livro de Jó (24,23 *Vulg.*): “*Deus lhe deu o tempo, e ele o esbanjou na soberba*”. Deus exigirá contas de ti pelo [emprego do] tempo: “*E eu disse: trabalhei sem razão, e em vão consumi minhas forças*” (Is 49,4). Em vão e sem causa, gasta suas forças aquele que emprega seu tempo em coisas inúteis. E por isso prossegue Isaías: “*O Senhor me fará justiça*”. E Salomão: “*Alegra-te, jovem, na tua juventude. Mas fica sabendo que por tudo isso o Senhor te fará vir a julgamento*” (Ecl 11,9). É indulgente tal julgamento? Não. Pois diz Isaías (65,20): “*Aquele que for uma criança aos cem anos, será maldito*”, isto é, o pecador. E lê-se em Baruc (3,11): “*Envelheceste em terra estrangeira, foste posto entre aqueles que descem ao inferno*”. Todavia, não desesperes da misericórdia de Deus, mesmo se tuas ações mereçam isso.

Esta é, portanto, a nossa primeira preocupação: que crescamos na mente, como em idade. Mas, como cresce o homem na mente? Certamente, quando progride em *sabedoria e graça*. Apesar de o versículo fazer menção primeiro à sabedoria e depois à graça, nós, ao contrário, trataremos primeiramente sobre a graça, pois o “*início da sabedoria é o temor do Senhor*” (Eclo 1,16).

⁶ Santo Tomás está pregando na Universidade de Paris, cujo público é bastante urbanizado, motivo pelo qual diz não haver entre os assistentes o costume em trabalhos agrícolas.

⁷ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *Contra retrahentes* III; *Quaestiones quodlibet* IV, q. 12, a. 1, ad 2.

A graça é algo oculto, pois está na alma. As causas ocultas não são conhecidas a não ser por seus efeitos manifestos. Entre todos os efeitos [da graça] nenhum é tão manifesto quanto a paz. Por isso, o Apóstolo sempre associa a paz à graça: “*O fruto do espírito é alegria, caridade, paz*” (Gal 5,22). E quando alguém tem paz, é um sinal de que possui a graça, uma vez que os “*ímpios não têm a paz, diz o Senhor*” (Is 48,22). É isso que Deus quis significar pelo progresso da graça; já que, com a idade de doze anos, foi ao lugar da paz, isto é, Jerusalém, que significa “visão de paz”.⁸ É por isso que, ao atingir a idade da discipulação, devemos nos esforçar por atingir a paz.

Contudo, muitos se iludem, porque pensam ter paz e não a têm; por isso disseram os falsos profetas: “*paz, paz, e não há paz*” (Jer 6,14). Para reconhecer a verdadeira paz, deve-se notar que a paz deve ter quatro condições: deve ser elevada, consuetudinária, perseverante (ou assídua) e cautelosa.

Primeiramente, a paz da graça deve ser elevada. O homem é constituído de dois [elementos]; e, desse ponto de vista, pode haver dúplice paz: de um lado, ele está posto entre a carne e o espírito, que se combatem mutuamente, porque “*a carne se empenha contra o espírito, e o espírito contra a carne*” (Gal 5,17). O espírito é elevado, e a carne é baixa. Considerando isso, o homem pode obter a paz de duas maneiras.

Se ele obtém a paz de modo a que o espírito consinta à carne, não é uma paz elevada, nem verdadeira, mas ínfima e falsa: “*Vivendo na grande guerra da insanidade, dão nome de paz aos tantos e tão grandes males que padecem*” (Sab 14,22). Esses vivem em grande guerra, pois suportam a guerra da ignorância e o remorso da consciência.

Outra é a paz quando a carne obedece ao espírito. E como se dá essa paz? Certamente quando o corpo é subjugado pelo espírito por meio da mortificação da carne. Alguém dirá: “quero estabelecer uma paz na qual o espírito consinta em algo à carne, e assim haverá paz; pois, a carne logo se submeterá ao espírito”. Isso não é possível, porque o corpo é de condição servil, e quanto mais se permite ao servo, tanto mais ele será petulante. Como se diz nos Provérbios (29,21): “*Quem cuida delicadamente de seu servo, vê-lo-á revoltar-se*

⁸ Cf. JERÔNIMO. *Liber interpretationis Hebraicorum nominum*, Isaias (CCSL 72, p. 121, 9-10).

contra si". E o Filósofo: "Num ser irracional, o apetite pelo prazer é insaciável e indiscriminado, e a tendência inata é realimentada por toda fonte de gratificação".⁹ Se satisfazes o deleite da carne, não por isso é apaziguado, outrossim, é aumentado, pois "quem bebe dessa água novamente terá sede" (Jo 4,13).

Como, pois, construir essa paz? Sem dúvida, calcando a carne. Donde dizer Isaías (27,4-5): "Marcharei sobre ela, e ela fará paz comigo". Por isso lemos que o Senhor subiu a Jerusalém, não desceu. *Subindo eles a Jerusalém*, foi com eles (cf. Lc 2,42).

Alguns, quando querem fazer a paz do espírito com a carne, fazem abstinência, mas não o fazem segundo o costume. Desejam ser diferentes dos outros, contra o mandamento do Senhor no Evangelho: "Quando jejuardes, não ficai tristes como os hipócritas" (Mt 6,16). O homem deve fazer as obras boas em segredo, e em público deve ser conforme aos outros. Donde se dizer no Eclesiástico (32,1): "Sede entre eles como um deles". Quando Agostinho veio a Milão, os homens lá não jejuavam, mas em Roma e em Cartago jejuavam; sua mãe se inquietava para saber se devia jejuar ou não; e então Agostinho, ainda catecúmeno, perguntou a Ambrósio se devia jejuar ou não. Ambrósio disse: "Quando fordes a qualquer Igreja, observai seus costumes, se não quiserdes ser escandalizados, ou escandalizar".¹⁰ Por isso que Jesus subiu [a Jerusalém] *segundo o costume* (Lc 2,42). Não sê singular, pois Deus parece detestar a singularidade.

Mas note-se o que é dito [pelo evangelista]: "No dia de festa" (Lc 2,42). Se teus companheiros querem algo contrário à virtude, tu não deves ser conforme a eles nisso. Como se diz no Êxodo (23,2): "Não sigas a multidão para fazer o mal"; e em Jeremias (6,16): "Interrogai sobre as antigas gerações, e vede qual seja a via boa, e andai por ela". Por ela tem-se em vista a paz: "Jerusalém, que está edificada como uma cidade, cujas partes estão em harmonia" (Sl 121/122,3). *Em harmonia*, isto é, em conformidade com os juízos e costumes dos outros.

Essa paz também deve ser assídua; pois não basta tê-la num determinado momento,

⁹ ARISTÓTELES. *Eth. Nic.* III 12 (1119b 5). In: ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Edson Bini. Bauru: Edipro, 3 ed., 2009, p. 116.

¹⁰ AGOSTINHO DE HIPONA. *Epistola XXXVI, ad Casulam*, XIV 32 (CSEL 34, p. 62, 2-17; PL 33, 151); *Epistola LIV, ad inquisitiones Januarii*, II 3 (CSEL 34, 2, p. 160, 16-161, 11; PL 33, 201).

mas é necessário que o homem seja perseverante nela: *“Enquanto eu viver, não me apartarei da minha inocência. Não abandonarei a justificação que comecei a adquirir”* (Jó 27,5-6). [Jó] disse duas coisas: *Enquanto eu viver*, ou seja, até a morte, e *não me apartarei da minha inocência*. O homem afasta-se da sua inocência pecando, como diz o Eclesiástico (26,27): *“Aquele que passa da justiça à iniquidade, Deus o destina à ‘romphea’”*, isto é, à espada pontiaguda.

Não basta que o homem não peque; mas que se habitue a fazer o bem, perseverando nas obras boas. Por isso diz: *“Não abandonarei a justificação que comecei a adquirir”*. Daí as palavras do Apocalipse (2,4): *“Tenho contra ti que abandonaste teu primeiro amor”*. E isso está expresso no Evangelho de hoje: *“Acabados os dias de festa, o Menino Jesus ficou em Jerusalém”* (Lc 2,43). Alguns se abstêm do pecado na festa, mas depois voltam ao pecado. Deve, pois, o homem permanecer na sua inocência, como está manifesto no Livro do Reis, quando Salomão disse a Semei (que significa obediente):¹¹ *“Constrói para ti uma casa em Jerusalém, e habita aí; e não saias, andando duma parte a outra; em qualquer dia, pois, quando dali saíres, fica sabendo que serás morto”* (1Rs 2,36-37). Isto significa que a paz deve ser constante.

Em quarto lugar, deve ser cautelosa. Queres estabelecer a paz entre o espírito e a carne? Se desejas fazer paz com alguém, e subjugá-lo a ti, debes ter cuidado com teus amigos. Queres fazer paz com o espírito contra a carne? Deves tomar cuidado com os amigos da carne. Daí a passagem de Jeremias (9,3): *“Que cada um tome cuidado com o seu próximo (segundo a carne), e não confie em seu irmão (segundo a carne)”*; pois está dito: *“O inimigo do homem é a gente de sua casa”* (Mq 7,6); e, no Evangelho de hoje, isto se manifesta quando o Senhor quis ficar em Jerusalém: *“Seus pais não se deram conta”* (Lc 2,43). Aqueles que procuram a perfeição da paz do espírito devem então se guardar dos amigos da carne e da sua familiaridade: *“Esquece teu povo e a casa de teu pai, e o rei cobiçará a tua beleza”* (Sl 44/45, 11-12), dando-te benefícios nesta vida, e te conduzindo no futuro à glória; que Ele se digne em no-la conceder, Aquele que vive e reina etc.

¹¹ Cf. JERÔNIMO. *Liber interpretationis Hebraicorum nominum*, Exodus (CCSL 72, p. 77, 28).

3ª Parte (Collatio)

Jesus crescia etc.

Tratou-se hoje do duplo crescimento de Cristo, a saber: o da idade e o da graça. Somente restou discorrer acerca dos dois outros crescimentos: o da sabedoria e do relacionamento humano. E assim como o progresso da graça mostra-se na paz, do mesmo modo o da sabedoria se manifesta na contemplação, como diz Salomão: “*Ultrapassei em sabedoria a todos os que vieram antes de mim em Jerusalém*”; e explica: “*Pois minha mente contemplou muitas coisas com sabedoria*” (Eclo 1,16).

Quem contempla muitas coisas com sabedoria, cresce em sabedoria. Vede: a palavra “templo” se diz que vem de “contemplar”, ou “contemplar” de “templo”.¹² Daí o fato de o Senhor ser encontrado no templo mostrar seu zelo pela contemplação. Diz o Salmo que a contemplação é simbolizada pelo templo: “*Peço ao Senhor apenas uma coisa, e isto procuro: que eu habite na casa do Senhor por todos os dias de minha vida, e visite o seu templo santo*” (26/27,4). Verdadeiramente visita este templo quem vai ao templo, não por bagatelas ou frivolidades, mas para contemplar a vontade de Deus.

Vejamos o que o Senhor fez no templo, e assim poderemos saber se se progride no templo.

Para que alguém cresça em sabedoria, são necessárias quatro coisas: que ouça de boa vontade, procure com diligência, responda com prudência, e medite atentamente.

Digo primeiramente que, para progredir em sabedoria, é preciso ouvir de boa vontade, pois a sabedoria é tão profunda que nenhum homem é capaz de contemplá-la [inteiramente] por si mesmo. Portanto, debes escutar, como diz o Eclesiástico (6,34): “*Se gostares de ouvir, serás sábio*”. Tu dizes: “Sou suficientemente sábio, não quero ouvir”; sobre isso está dito: “*O sábio que ouve a sabedoria será mais sábio*” (Prov 1,5). Ninguém é tão sábio que, ouvindo, não aprenda. Por isso que [seus pais] encontraram Jesus ouvindo (cf. Lc 2,46).

¹² ISIDORO DE SEVILHA. *Etym.* XV, 7 (ed. Lindsay, t. 2; PL 82, 544C): “Templi nomen generale; pro locis enim quibuscumque magnis antiqui templa dicebant: et templa dicta quasi tecta ampla. Sed et locus designatus ad orientem a contemplatione templum dicebatur”.

Mas de que modo deves ouvir? Sem dúvida, perseverantemente. Alguns querem ouvir apenas uma lição em uma ciência dada, como um passante: aí não põe o coração. Ao contrário, encontraram Jesus ouvindo assiduamente após três dias. Assim, também tu deves ouvir assiduamente: *“Feliz quem me ouve, e que vigia à minha porta todos os dias”* (Prov 8,34).

Ademais, não devemos ouvir de uma só [pessoa], mas de muitas, pois diz o Apóstolo que *“há diversidade de graças”* (1Cor 12,4). Uma única pessoa não será perfeita em todos [os domínios]. O bem-aventurado Gregório conhecia perfeitamente a moral, o bem-aventurado Agostinho sabia resolver questões [difíceis], o bem-aventurado Ambrósio fazia ótimas alegorias. O que não podes aprender de um, aprenderás de outro: *“Permaneça entre os prudentes anciãos, e une-te de coração à sua sabedoria, para que possas ouvir o que dizem sobre Deus”* (Ecl 6,35). O que um não diz, o outro dirá. Não digo que creia ser útil aos iniciantes de uma ciência de a ouvirem de vários mestres; mas devem ouvir um só, até que estejam bem firmes; e, quando estiverem assim estabelecidos, que ouçam outros, para que possam colher flores de cada um, isto é, o que lhes for útil.

Do mesmo modo, Jesus foi encontrado ouvindo vários [doutores], e permaneceu no meio deles, quer dizer no lugar do justo juiz. Com efeito, o ofício de juiz é confiado ao que ouve, pois deve julgar com justiça aquilo que ouve: *“Acaso o ouvido não julga as palavras?”* (Jó 12,11). O que ouve deve ser um juiz justo. Contudo, há alguns que seguem a opinião dos mestres, pois ouvem-nos; entretanto, não se deve ter amigos quando se trata da verdade, mas somente se deve aderir à verdade; pois diz o Filósofo que a dissonância de opiniões não é incompatível com a amizade.¹³ Cristo estava no meio, pois está dito no Eclesiástico (15,5): *“[A sabedoria] lhe abriu a boca no meio da assembleia, e o Senhor o cumulou do Espírito de sabedoria e inteligência”*.¹⁴

Em segundo lugar, requer-se, para o avanço em sabedoria, que o homem procure com diligência, pois a sabedoria é mais preciosa que tudo o que se possa desejar; donde em

¹³ Cf. ARISTÓTELES. *Eth. Nic.* IX 6 (1167 a 24-26).

¹⁴ São Tomás cita esse versículo de acordo com o uso litúrgico de certas festas (cf. *Officium (introitus) in festis S. Iohannis Evang., S. Dominici, S. Augustini*. Roma: Santa Sabina. AGOP XIV L 1, f. 409 va, 414 vb, 415 vb).

Provérbios (3,15): “*É mais preciosa que todas as riquezas; e tudo o que se possa desejar não lhe é comparável*”. E no livro da Sabedoria (7,8): “*Eu a preferi a todos os tronos e reinos*”.

Vê: aqueles que carecem de um bem temporal, não se contentam apenas que isso lhes seja oferecido, outrossim, procuram-no diligentemente; e assim também nós devemos procurar com ardor a sabedoria. Por isso diz Salomão: “*Se a procuras como o dinheiro, encontrá-la-ás*” (Prov 2,4). Alguns percorrem montes e mares para adquirir riquezas; do mesmo modo, tu deves trabalhar pela sabedoria. Donde encontrarem Jesus no templo, perguntando e procurando a sabedoria, para nos dar o exemplo da procura da sabedoria.

Mas onde deves procurar a sabedoria, e de quem? Certamente de três [fontes].

Em primeiro lugar, de um mestre ou dos mais sábios: “*Interroga teu pai*”, ou seja, o mestre (pois, assim como o teu pai te gerou corporalmente, assim o mestre te gerou espiritualmente), “*e ele te contará; pergunta a teus anciãos*”, isto é, os sábios, “*e eles te dirão*” (cf. Dt 32,7).

Assim, não só deves estar contente de interrogar os presentes, mas também deves interrogar os antigos e os ausentes. Se não tens variedade de pessoas, no entanto, tens de escritos. Quando vês os escritos de Agostinho e Ambrósio, então interroga-os. “*Interroga as gerações passadas, e investiga diligentemente a memória de teus pais*” (Jó 8,8), isto é, o memorial que te legaram.

Ademais, não é só suficiente interrogá-los ou seus escritos, mas deves refletir na observação das criaturas, pois se diz no Eclesiástico (1,10): “*Deus difundiu sua sabedoria por todas as suas obras*”. As obras de Deus são os juízos da sua sabedoria. Do mesmo modo, através do artefato, podemos concluir muitas coisas sobre a sabedoria do artesão. Donde em Jó (12,7): “*Pergunta aos animais e eles te ensinarão; às aves do céu e elas te instruirão*”.

Além do mais, o homem deve adquirir a sabedoria, comunicando-a aos outros, como diz o Sábio: “*Aprendi-a lealmente, e comunico-a sem inveja*” (Sab 7,13). Qualquer um pode testar: ninguém pode progredir tanto no conhecimento quanto comunicando aos outros o que ele mesmo sabe: é uma obrigação o homem transmitir aos outros aquilo que ele mesmo sabe: “*Para te mostrar a firmeza e a eloquência da verdade, e para que respondas àqueles*

que te enviaram” (Prov 22,21). Cristo responde, e “*todos se admiravam de sua prudência e de suas respostas*” (Lc 2,47).

Na resposta, requer-se a prudência de três modos.

Primeiro, a resposta deve estar proporcionada à pessoa que responde. Se alguém te pergunta algo que está acima de tuas capacidades, não te ponhas a responder: “*Se sabes, responde a teu próximo; se não, põe a mão na tua boca, para que não sejas pego numa palavra insensata, e sejas confundido*” (Ecl 5,14).

Também se requer prudência na resposta, para que esta seja proporcionada a quem ouve. Não se deve responder sempre e a qualquer um; pois talvez alguém te pergunte algo para te tentar ou ofender. Por isso em Provérbios (26,4): “*Não respondas ao estulto segundo a sua estultice, se não te tornarás como ele*”. Mas, qual é o sinal do estulto? Certamente, quando pergunta com injúrias: “*A pergunta do estulto está misturada com injúrias*” (Prov 20,3). Mas então deves responder ao estulto *segundo sua loucura*, para que tu não pareças insensato, como disse Salomão (cf. Prov 26,5). Isso bem o fez Cristo; quando lhe perguntaram com qual poder fazia os milagres, Ele lhes respondeu com outra pergunta (cf. Mt 21,22).

Também deve haver prudência na resposta, para ser proporcionada à pergunta, e que não tenha adornos inúteis,¹⁵ mas seja objetiva; do contrário, será como o vento. Daí as palavras de Jó (15,2): “*Acaso o sábio responde ao vento?*” Cristo responde prudentemente: “*Todos se admiravam de sua prudência e de suas respostas*” (Lc 2,47).

Em quarto lugar, que é a consumação da prudência, dá-se quando se medita atentamente: “*Que a meditação de meu coração esteja sempre na vossa presença*” (Sl 18/19,15). Temos um exemplo disso na Virgem Maria, que *conservava todas estas palavras, conferindo-as no seu coração* (cf. Lc 2,19). Explicando esse versículo, um certo autor grego diz uma palavra notável: “*Considera a mais prudente das mulheres, Maria, a verdadeira Mãe da sabedoria: Ela se fez como uma aluna desse menino, e não o considera mais como um me-*

¹⁵ Sobre a expressão *phaleris verborum*, conferir o que diz São Bernardo: *Sermones super Cantica*, XLI, 1 (ed. Cist., t. II, p. 29, 8-10; PL 183, 985 AB; SCh 452, 189).

nino, nem como um homem, mas o ouve como Deus; e assim como concebera o Verbo no seu ventre, agora concebe no coração todos os seus atos e suas palavras".¹⁶

Sobre a meditação da Bem-aventurada Virgem Maria, considera três coisas.

Primeiramente, que foi frutuosa. Qual é o fruto da meditação? Afirmando que a meditação é a chave da memória. Podes ler e ouvir muitas coisas, mas não podes reter nada, a não ser meditando: "*Sou mais prudente que todos os meus mestres, porque os teus mandamentos são a minha meditação*" (Sl 118/119,99). Pois, como o alimento não nutre sem que seja mastigado, assim não podes progredir na ciência a não ser mastigando o que ouves por uma frequente meditação.

Ademais, a meditação da Bem-aventurada Virgem foi íntegra, pois "*conservava todas estas palavras*" (Lc 2,51). O homem deve meditar sobre todas as coisas que ouve.

Igualmente, a meditação da Bem-aventurada Virgem foi profunda. Alguns só querem meditar superficialmente. Se não podes meditar tudo de uma só vez, meditarás outras vezes. Maria "*conservava todas estas palavras, conferindo-as no seu coração*". E o Salmo diz: "*Meditei durante a noite em meu coração, me exercito e meu espírito refleti*" (Sl 76/77, 7). Não há dúvida que aquele que ouve de bom grado, responde com prudência, procura diligentemente e medita atentamente, progride muito na sabedoria. Este é o modo de progredir na sabedoria.

Resta somente tratar sobre o crescimento no relacionamento humano. É verdade que, desse Evangelho, quem quisesse poderia considerar o comportamento humano com relação aos súditos, ou às autoridades;¹⁷ como aqui há poucas autoridades e muitos súditos, falemos dos súditos.

Deve-se notar que, se queres progredir no convívio humano, debes ter quatro coisas:

¹⁶ São Tomás cita o mesmo autor anônimo na *Catena Aurea*, in *Lucam 2,51*.

¹⁷ O termo *praelatus* é aqui traduzido por "autoridade"; entretanto, também pode ser traduzido como "prelado" que, para São Tomás, é um "clérigo, secular ou regular, que possui uma jurisdição no foro externo. Numa diocese, o prelado é naturalmente o bispo; mas há outros além do bispo que também são prelados, se bem que subordinados: estes são os presbíteros de paróquias e, eventualmente, os arqui-diáconos. Os superiores nas ordens religiosas são também prelados para seus súditos" (TORRELL, Jean-Pierre. Nota de rodapé. In: THOMAS D'AQUIN. *Sermons*. Trad. Jean-Pierre Torrell. Paris: Cerf, 2014, p. 134).

piedade,¹⁸ pureza, humildade e discrição¹⁹.

Digo primeiramente que, se desejas progredir no convívio humano, debes ter piedade. Alguns têm piedade só de si mesmos, para que vivam em paz e progridam na sabedoria; mas não querem se rebaixar aos outros. Estes podem crescer na graça diante de Deus, mas não diante dos homens. Mas “*Jesus crescía na graça diante de Deus e dos homens*” (Lc 2,59). Isto é o que simboliza o fato de Ele ter descido [com seus pais]. Jesus permaneceu em Jerusalém o tempo devido, mas, quando quis, desceu. Donde no Cântico dos Cânticos (6,1): “*Meu amado desceu ao seu jardim*”, isto é, no jardim das delícias. E na escada que Jacó viu, ele contemplou os *anjos de Deus, subindo e descendo*” (Gn 28,12). Assim também nós devemos subir pelo progresso espiritual, e descer por piedade ao próximo.

Alguns se compadecem dos outros, mas em demasia, pois chegam até o pecado. Ora, Cristo desceu a Nazaré, que se interpreta como “*flor*”,²⁰ que representa pureza. Daí o do Cântico dos Cânticos (1,15): “*Nosso leito está florido*”. Feliz aquele que não tem em sua consciência nada de mal cheiroso ou desonroso, mas apenas o perfume da boa reputação. Como se lê no Eclesiástico (24,23): “*Minhas flores são frutos de honra e honestidade*”. O fruto significa o mérito, como explica o Apóstolo: “*Tendes por fruto a santidade*” (Rm 6,22). As flores estão na pátria futura.²¹

Em terceiro lugar, devemos ter humildade, como diz Agostinho: “*Que o homem se envergonhe de ser soberbo, uma vez que Deus se fez humilde*”.²² Cristo se submeteu a homens, para que tu sejas submisso às autoridades. Gregório [de Nissa] diz: “*Quem quer que cresça na hierarquia, nunca abandone a obediência. Antes que o homem chegue ao crescimento no relacionamento humano, é necessário que ele mesmo pratique a obediência como um caminho que conduz ao bem*”.²³ E Cristo praticou a obediência perfeita.

¹⁸ Cumpre notar que o termo latino *pietas* significa propriamente o sentimento do dever, o amor e a dedicação em relação a Deus, à Pátria e aos pais. Em um sentido mais amplo, pode ser amor, dedicação, ternura, simpatia etc.

¹⁹ Sobre o termo *discretio*, ver nota acima.

²⁰ Cf. JERÔNIMO. *Liber interpretationis Hebraicorum nominum*, Matthaeus (CCSL 72, p. 137, 24), Iohannes (CCSL 72, p. 142, 18).

²¹ Cf. *S.Th.* I-II, q. 70, a. 1.

²² AGOSTINHO DE HIPONA. *Sermo CXXIV*, I, 1. (PL 38, 684).

²³ GREGÓRIO DE NISSA. *In illud “Tunc ipse filius”*. (PG 44, 1308 C).

Alguns são obedientes nas coisas pequenas, mas não nas grandes; e Cristo foi obediente nas grandes. Por isso, diz-se d'Ele: “*E lhes era submisso*” (Lc 2,51), e Glosa explica: “*Eram pessoas justas e honestas, embora pobres e faltando-lhes o necessário (o que se prova pelo presépio que foi usado para tão venerável nascimento) e trabalhavam continuamente para adquirir o necessário ao corpo, e Cristo trabalhava com eles*”.²⁴ E o Salmo (87/88,16): “*Sou pobre, e trabalhei desde minha juventude*”. Muitos se põem a estudar, desejam progredir na sabedoria, aplicam-se, não a descer, mas a subir; não estão em Nazaré, mas na torpeza do pecado; não para serem súditos, mas autoridades. Ao contrário, Cristo *desceu a Nazaré, onde lhes era submisso*.

Em quarto lugar, é necessária a discricção. Que é a discricção na obediência? Sem dúvida, devemos obediência aos superiores naquelas coisas que não afastam de Deus, como explica São Pedro: “*Deve-se obedecer mais a Deus que aos homens*” (At 5,29). Cristo teve essa discricção: naquelas coisas que não afastavam de Deus, *era-lhes submisso* (Lc 2,51). “*Não sabeis, disse Ele, que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?*” (Lc 2,49). E o Salmo (72/73,28): “*É bom para mim estar unido a Deus*”, ou seja, no presente pela graça, e no futuro pela glória, que [queira Deus dar-nos] a nós e a vós.

²⁴ BASÍLIO DE CESAREIA. *Constitutiones asceticae*, IV 6 (PG 31, 1356D-1357A). Cf. etiam TOMÁS DE AQUINO. *Catena Aurea in Lucam 2, 51*.